Ano X — Lisboa, Abril de 1954 — Nº 108

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Páscoa Escoteira

PELO REV. EDUARDO MOREIRA



Houve tempo em que esteve em moda ir procurar os antepassados do escotismo ao «woodcraft» ou «peau-rougisme» do Far West, para o qual o autor destas linhas propôs então o equivalente português «selvismo»; e também à «Jungle» industana que o génio de Kipling evocou na sua obra-prima. Estava certo; mas não era completa a genealogia. O escotismo é tão humano que não se lhe pode marcar origem exclusiva neste ou naquele ponto da terra. Aqui se lhe encontra um aspecto, radicado em gerações sucessivas; acolá outro aspecto, em tribos esparsas. E sempre profundamente humano, sempre «enxebre», como se diz no doce codialecto galego do que é filho do solo natal; e sempre «ecuménico», como chamavam os gregos da idade heróica ao que tinha o dom de galgar fronteiras, igualar clãs, assimilar idiomas, corroborar laços fraternos.

Lancemos agora os olhos para esse pequeno povo de milagre, caminhando para o extremo oriental do Império Egípcio de Tebas, aí por alturas da 18.ª dinastia de faraós, atrás de um dos maiores homens que a terra tem possuído — Moisés, o hebreu filho adoptivo de princesa Hatchepsute, só há meio século trazida para a história dos povos.

Rude tribo pastoril dos campos de Gosen, que aí fora escravizada na canseirosa preparação de tijolos sob o chicote do capataz, encontrou o libertador nesse hebreu culto e brando, mas crente e enérgico, que subirá ao Sinai e trará a Lei, a primeira grande manifestação da Graça divina.

Instituíra-se uma festa nacional, na comemoração duma crise tremenda, quando se borrifara com o sangue dum cordeiro as vergas e ombreiras das portas de cada lar do povo escolhido, para não ser alcançado pelo anjo da morte. E na noite fatal, em todo o lar egípcio, desde o tugúrio da escrava até ao paço real, se chorou um primogénito; enquanto o povo cativo era enfim liberto do «forno de ferro» e caminhava pelo deserto, em nova escola religiosa e cívica.

Vede, na comemoração anual da «Páscoa» a passagem da morte vicária, que fere fundo o lar egípcio e, devido ao «sinal do sangue», deixa incólume o lar hebraico, em vésperas de partida para a Terra Prometida: cada hebreu está de pé, cingido como para viajar, de cajado na mão e calçado próprio para longa caminhada. Come, assim como quem tem pressa e vai cumprir uma missão importante e urgente. Através dos séculos o Hebreu estará «sempre pronto». Todo o fermento será rebuscado e expelido dos cantos da casa, como símbolo de *pureza*, junto àqueloutro de *prontidão*. Num lar onde, por escassez de bocas, sobeje a carne do sacrifício, virá por convite alguém do lar vizinho onde as bocas sobrem; e assim teremos o símbolo do *convívio fraternal* a juntar aos de prontidão e pureza. Recordar-se-á perpètuamente o perigo comum e a comum bênção da primeira Páscoa, e assim o povo juntará aos símbolos da pureza, da prontidão e do convívio fraternal, os da *perpetuidade da amizade* e da *comparticipação da vida*.

Tudo isto podereis ver, amigos leitores, na gravativa descrição do capítulo doze do livro do Êxodo, onde o escoteiro cristão verá prefigurado o sangue remidor de Jesus, e onde os escoteiros em geral poderão observar algumas das grandes virtudes que o génio de Baden-Powell concretizou num plano e sistema de valor imorredouro.

EDUARDO MOREIRA

23 DE ABRIL

DIA DE SÃO JORGE E DIA DO ESCOTEIRO

Quando pensamos na lendária figura de S. Jorge, somos levados, na maior parte das vezes, a evocar o intrépido cavaleiro vencedor do Dragão do Mal, deixando na obscuridade o perfil do grande mártir do Cristianismo. À nossa mentalidade deformada é mais grata a acção fulminante do que fere, destrói e mata, do que a atitude imposta pela ponderação ou pela lealdade a sentimentos e a ideais elevados.

À luz dos conceitos por que nos deixamos guiar, S. Jorge foi um vencido. A sua carreira, tão promeledora como oficial do grande exército romano, foi cortada abruptamente e, de revés em revés, o nobre Cavaleiro foi, por fim, conduzido, como um réprobo, ao posto de tortura, onde lhe foi dada morte humilhante. O procedimento deste grande homem nunca poderia servir de inspiração a essa raça tão populosa dos oportunistas, para quem a palavra fidelidade só tem significado quando pode beneficiar os seus intuitos preconcebidos. Para esses, S. Jorge foi um triste vencido. Era militar brioso e perdeu os seus galões; era rico e deu o dinheiro aos pobres; era poderoso, e foi entregue à prisão. Como S. Paulo, sendo livre para com todos, fez-se servo de todos; fez-se fraco para os fracos, para ganhar esses mesmos fracos; foi açoitado e apedrejado. Que desastrosa situação!

Todavia, à mocidade escoteira que, neste 23 de Abril, se prepara para evocar o nome de S. Jorge, não hesitamos em apontar-lhe o nome do glorioso cavaleiro. É que, apesar de todas as vicissitudes, o Patrono dos escoteiros é um campeão que soçobra, sim, mas combatendo valorosamente pelos seus elevados ideais. Que prova de co-

(*Conclui na 2.ª página*)



3—QUE É O ESCOTISMO? Ed. da União dos Escoteiros do Brasil. 2.ª edição. 1953. 21 págs.

O presente opúsculo é a tradução do inglês *What is Scouting?* actualizado e adaptado ao Escotismo brasileiro. Constitui um conspecto, tanto quanto possível completo, da origem e fins do Escotismo, com intuitos de divulgação, ao mesmo tempo que expõe qual seja a organização do Movimento e os processos de que se serve para atingir os seus fins.

De lamentar é, porém, que o tradutor não procurasse desprender-se totalmente do original inglês dando-nos uma tradução correcta em vez da quase literal com que a cada passo se topa, ao ponto de, por vezes, atraiçoar o sentido do termo inglês iludido por uma semelhança gráfica entre as duas línguas, como, por exemplo, traduzindo por *insano* o termo *insane* (pág. 21), quando este significa «insensato, louco, demente», que nada tem que ver com «insano». E assim oferece-nos «um mundo insano» onde B.-P. queria dizer «um mundo dementado».

4 — O ESCOTISMO. SEU VALOR E ACTUALIDADE, por *Júlio dos Santos*. Separata do "Sempre Pronto". Lisboa, 1953. 14 págs.

O que o distinto A. escreveu é já do conhecimento dos meus leitores, pois as suas palavras vieram pela primeira vez a público nestas mesmas colunas. Reeditando-as, fez o Sr. J. dos S. muito bem, porque as pôs ao alcance de um público mais vasto do que o limitado dos leitores deste jornal.

O A., depois de historiar a acção do Grupo N.º 13 da gloriosa Sociedade de Geografia de Lisboa, grupo de que é Chefe, e de citar opiniões de algumas figuras ilustres da actualidade acerca da necessidade de uma educação completa da mocidade de Portugal, dirige ao Sr. Presidente da A. E. P. uma proposta, baseada em vários considerandos, para tornar mais eficiente a acção do Escotismo, quer por uma colaboração mais íntima entre a A. E. P. e o C. N. E., quer pelo auxílio mais directo do Estado, aconselhando ainda a inclusão das doutrinas, processos e técnicas do Escotismo numa futura regulamentação do I. N. E. F.

Não posso deixar de concordar e aplaudir a doutrina do 1.º e do 3.º ponto, embora guarde prudente reserva quanto às possibilidades da sua realização prática, por razões a todos óbvias. Quanto ao 2.º ponto, discordo em absoluto, se se atender a que em Portugal a tendência é para, por um lado, burocratizar, com todos os inconvenientes daí advindos, tudo o que se encontra directamente sob a acção do Estado, por outro, uma interferência demasiado insistente em todas as actividades a que ele presta a sua contribuição, facto que iria tirar ao Escotismo português aquela autonomia e liberdade de acção sem as quais não pode haver Escotismo mas tão sòmente a sua contrafacção. A realizar-se o pensamento do A., e ninguém duvida das suas boas intenções, creio que não mais poderia haver Escotismo em Portugal, movimento em que os idealistas (que ainda existem) põem as suas esperanças como o único capaz de educar *de facto* os jovens de Portugal.

O RATO SÁBIO

23 DE ABRIL

(*Conclusão da 1.ª página*)

ragem mais perfeita lograríamos encontrar? Que atitude diferente poderia atingir maior nobreza?

São fortes as correntes que nos solicitam para o mal e só uma constante firmeza e desassombro permitirão manter-nos escorreitos no nosso procedimento. No escotismo, só aqueles que, como S. Jorge, não aspiram às honrarias do mundo mas pretendem, acima de tudo, com denodo, combater o Dragão do Mal, têm lugar. Talvez que seguindo as pisadas do brando Cavaleiro, esses escoteiros não alcancem as veredas desafogadas de uma vida opulenta, mas, certamente, cada um desses bravos rapazes terá jus àquela apreciação, sumamente feliz, de Kipling: «Tu és um Homem!». E este é o melhor elogio que um escoteiro pode receber.

O «SEMPRE PRONTO»
E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

KANDERSTEG

—ALTA ESCOLA DE ALPINISMO ESCOTEIRO

Toda a actividade do Clube Alpino Escoteiro e da Associação do Chalé Internacional Escoteiro tem por fim conduzir os escoteiros para a prática do Alpinismo e facilitar-lhes o contacto com as montanhas. Já Baden-Powell recomendou o alpinismo aos escoteiros e caminheiros, porque ele reconhecia o grande valor educativo deste desporto.

Com efeito, se o alpinismo exige robustez, energia, coragem, sangue-frio, previdência e reflexão, é sobretudo uma alta escola de camaradagem que se manifesta no espírito de «cordée», (1) onde cada participante de um curso de alta montanha sabe que o empreendimento não poderá ser levado a bom êxito sem que todos se sustentem e entreajudem mùtuamente.

A ideia do alpinismo escotista tem-se desenvolvido metódica e progressivamente: Antes de tudo foi preciso primeiro criar um centro onde todos os escoteiros do mundo se pudessem encontrar e acampar num ambiente verdadeiramente alpino. Era o *Chalé de Kandersteg*. Seguidamente o Clube Alpino Internacional Escoteiro organizou *cursos de alpinismo e de escaladas* para escoteiros e caminheiros, sob a direcção competente de guias de montanha diplomados. É ali que se reúnem em cada ano camaradas de todos os países nas «*Cordées* Internacionais».

A acção do Clube Alpino Escoteiro não deve, no entanto, ficar por aqui. Resta-lhe ainda a tarefa mais importante, ou seja agrupar todos os alpinistas entre os escoteiros e os caminheiros e organizar e manter o contacto entre eles. Ao lado dos cursos de iniciação, tais como aqueles que existem desde 1934, ver-se-á portanto mais tarde *rallyes* ou acampamentos alpinistas, onde se verão irmãos escoteiros animados do mesmo amor da montanha, entre os quais serão escolhidos os camaradas e membros de «cordée».—CAE.

N. da R. — *Chamamos a atenção dos nossos leitores para as "Notícias de Kandersteg" publicadas no último número, onde se lêem as condições de estadia naquele Chalé e o plano dos cursos deste ano.*

(1) *Cordée:* Não traduzimos esta palavra francesa porque não conhecemos, e julgamos não ter, equivalência em português. A "cordée" é a equipa de alpinismo a que pertencem os membros da mesma "corda" e que mùtuamente se sustêm e ajudam, dependendo a sua segurança uns dos outros.

Apontamentos para a história do Escotismo em Portugal

1933 — Março e Abril — Foi publicado o folheto «Como se organiza um grupo».

Das «Informações oficiais» consta:

«Os escoteiros cooperarão no trabalho das suas patrulhas, estas na acção dos grupos, os grupos no bom êxito e expansão do trabalho local e regional. Os Serviços Centrais, por sua vez, cooperam com todas as actividades associativas, e em contrapartida esperam ver desenvolver-se o interesse e a colaboração que tantos grupos e dirigentes já estão prestando, não às pessoas, mas no trabalho em que os sócios em serviço nos Serviços Centrais também colaboram».

Foi dentro deste espírito de colaboração e de serviço, que a Comissão Executiva resolveu convidar dois chefes para tomarem parte nas suas sessões. Assim, melhor se poderão inteirar dos trabalhos próprios dos S. C. e adquirirem aptidão para substituir os dirigentes dos organismos centrais, como, por outro lado, trazem o contributo das suas opiniões. Aos chefes que trabalham nas províncias pediu-se para anunciarem as suas vindas a Lisboa, para se poder aproveitar a oportunidade de serem eles os convidados para as reuniões da C. E.

O Ministério da Marinha autorizou os Grupos a matricular as suas embarcações, sob a bandeira da A. E. P.

A A. E. P. associa-se ao movimento nacional prò-construção do monumento ao Infante D. Henrique porque, «como instituição educativa, tem o dever de aproveitar todas as oportunidades para exercer a sua acção».

Os E. P. pediram que lhes fosse dada a honra de oferecerem a primeira pedra para o monumento.

Foi publicado o Regulamento de concentrações, formaturas e desfiles, aprovado pelo Núcleo de Lisboa, que à C. E. deliberou considerar como regulamento provisório para a A. E. P., recomendando aos chefes que o estudem, apliquem e proponham as emendas que julgarem convenientes.

Maio — É aproveitada a lição de civismo a tirar de uma visita ao novo barco da Armada «Gonçalo Velho», tendo sido acompanhados pelos 1.os tenentes Namorado Júnior, antigo escoteiro, e Pires de Matos. Um artigo por este firmado, termina da seguinte forma: «Amai a Pátria com um amor calmo e reflectido, não griteis ódios contra irmãos, não sejais nunca derrotistas„. "Amai a Pátria no trabalho intenso de todos os dias, amai-a no cumprimento alegre e desinteressado dos vossos deveres„.

Foi publicado o prospecto ilustrado «Vem para Escoteiro», para propaganda. Era fornecido aos grupos a 50 % do seu custo.

Junho — Notável artigo «Os Grandes Escoteiros» sobre o ajustamento do Escotismo ao meio nacional, fazendo uma bem compreendida educação portuguesa pelo uso de processos e termos portugueses.

A propósito da unificação das provas de classe, a delegação da A. E. P. na Organização Escotista de Portugal, levantou o assunto daquele artigo.

Começa a ser publicada a «Caderneta do Escoteiro» ilustrada por um antigo escoteiro.

Agosto e Setembro — Publicam-se os relatórios da Comissão Executiva e da Comissão Permanente, apresentados à Conferência de Dirigentes.

Publicam-se os votos da II Conferência de Dirigentes reunida em 18, 19 e 20 de Agosto. Da moção adoptada pela Conferência, sancionando "a orientação que vem sendo seguida desde que foi estabelecida a orgânica associativa em vigor„ constam regras basilares para a vida futura da A. E. P., quanto à definição do carácter nacional da instituição, às relações internacionais e com o Governo, e à vida burocrática interna. Destacam-se as seguintes passagens:

"III—A A. E. P.... estimará que o Governo da Nação proporcione aos elementos escotistas facilidades morais e materiais que possam contribuir para a expansão da Obra e principalmente pela cada vez mais larga difusão do espírito maravilhoso do Escotismo„.

"II — À A. E. P. cumpre colaborar com o poder constituído no desenvolvimento do Escotismo, uma vez que não sejam prejudicadas as características próprias do Movimento, quer no campo ideológico, quer no educativo„.

"V — A A. E. P. quer nos Serviços Centrais, quer nas suas Regiões, Núcleos e Grupos, deve manter no nível estritamente indispensável, as exigências e serviços de carácter meramente burocrático, desenvolvendo em compensação até ao máximo que for sendo possível uma actividade que directamente se possa traduzir em benefício da educação da mocidade„.



O PARDAL

Voltava da caça e caminhava ao longo de uma rua do meu jardim. O meu cão corria à minha frente. De repente, encurtou o passo e começou a avançar com precaução, como se farejasse caça à sua frente.

Olhei ao longo do caminho e vi um jovem pardal, bico amarelo, penugem na cabeça. Tinha caído do ninho (o vento balançava com força as bétulas do parque), e mantinha-se muito quieto, estendendo lastimosamente as suas pequenitas asas ainda mal emplumadas.

«Trésor» aproximava-se dele, todos os músculos tensos, quando, num instante, arremessando-se de uma árvore vizinha, um velho pardal de peito negro cai como uma pedra mesmo em frente da goela do cão; e todo eriçado, desvairado, ofegante, com um piar queixoso, desesperado, salta por duas vezes na direcção dessa goela aberta, armada de dentes adunco.

Precipitara-se para salvar o seu filho, queria servir-lhe de escudo. Mas todo o seu corpinho tremia de terror, o seu grito era rouco e selvagem; matava-se, sacrificava a sua vida.

Que enorme monstro deveria o cão parecer aos seus olhos! E no entanto não tinha podido ficar no ramo tão alto e tão seguro; uma força mais poderosa que a sua vontade o tinha feito precipitar. «Trésor» pára, recua. Tem-se dito mesmo que ele reconheceu esta força.

Confuso, apressei-me a chamar o meu cão, e afastei-me, completamente possuído de um santo respeito.

Sim, não vos riais, era verdadeiro respeito que eu sentia na presença desse passarinho heróico, frente ao impulso do seu amor...

TOURGUENEFF

(Souvenirs d'Enfance).

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

De viagem — Em 24 do mês passado, embarcou para o Brasil, onde vai numa viagem de três meses, o nosso estimado assinante, Pastor Sr. José Ilídio Freire, que espera visitar o trabalho evangélico em diversos estados da nação irmã.

Doentes — O nosso dedicado amigo e assinante Sr. Tenente Joaquim Matias, esteve bastante doente e internado no Hospital Colonial, encontrando-se já em franca convalescença. Congratulamo-nos com as melhoras obtidas e formulamos votos de completo restabelecimento.

● Já se encontra em casa e quase restabelecido o nosso caro companheiro de redacção, Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, que foi operado a uma rótula. Felicitamo-lo sinceramente pelo êxito da operação.

Visitas—Tivemos o prazer de abraçar em Lisboa, o nosso caro amigo Sr. Eduardo Quintino Pinheiro que, depois de uma estadia de alguns dias entre nós, regressou ao Porto onde se encontra estabelecido.

De Luto — Pelo falecimento de sua Mãe, ocorrido recentemente, encontra-se de luto o nosso estimado assinante Sr. Eng.º João Cabral, chefe regional de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas.

Também pelo falecimento de sua Mãe, na vila de Manteigas, se encontra de luto o nosso estimado assinante Rev. Padre Ferreira da Silva, Assistente Nacional Delegado do Corpo Nacional de Escutas.

A estes nossos amigos expressamos a nossa simpatia e condolências sentidas.

JUVENTUDE E MASCULINIDADE

O Escotismo tem entre as suas múltiplas finalidades educativas o dever de formar homens. Por isso, os que entendem bem o Movimento tanto insistem em que o menos importante para um Escoteiro é o seu uniforme, o seu lenço e a sua pose.

Que aspecto tão distinto apresentariam as nossas juventudes se em todas elas primasse o genuíno espírito Escoteiro!

Por falta desse vigor moral estamos assistindo à «raquitização» da juventude.

De um falso conceito do papel que o rapaz de hoje é chamado a desempenhar; de uma inversão de problemas e de valores e de um muito lamentável desvio dos eternos princípios, não é raro encontrarmo-nos hoje com tipos que são conhecidos pelo mote, nada invejável é certo, de «meninos bonitos». (Meninos de mamã ou «fifis»).

O pior de tudo isto é que, à força de os vermos e de os observarmos, quase não existe a devida preocupação por fazer desses «meninos bonitos» tipos de «homens», — ainda que só contem poucos anos, a idade pouco influi na contextura moral e espiritual — «homens» que sejam capazes e saibam dar de si próprios tudo aquilo que Deus e a Pátria deles reclamam.

O «menino bonito» é o produto dos que pensam que o mundo é uma vitrina. Para eles o colégio, a universidade, o escritório, o campo de desportos, o acampamento de Escoteiros não são mais que uma comprida, compridíssima vitrina.

Contra os «meninos bonitos» e contra os «homens-vitrinas» se definiu o Escotismo desde a sua fundação. Quem quer que tenha lido o mais insignificante documento Escoteiro e tenha observado de perto a vida e o método escotista está mais que convencido disso, toda a vez que a robustez de princípios, a simplicidade de vida, a honestidade de costumes e a típica modéstia dos Escoteiros, divorciada de toda a fosforescência exibicionista, não pode estar em conivência com o vaporoso pavoneio de essas juventudes hirsutas.

Nas vitrinas exibem-se manequins e bonecas, que recebem pacientemente toda a carga de vermelhos, polimentos e ninharias.

Os Escoteiros pensam um pouco mais sèriamente em si mesmos, no seu destino, na sua missão, na sua necessária cultura de espírito, — virtude e verdade, para não serem os tristes «meninos bonitos».

O Escoteiro, para quem todo o Escotismo se reduz ao lenço impecável, ao desfile, à sala de bandeiras profusamente adornada, à saudação dos três dedos, à pose artificial, ao excessivo e desaforado anelo de se ver equipado de lanterna, ambulância, bornal, apito, canivete, insígnia e demais exterioridades; o que põe a sua consciência cristã, o seu dever e o seu templo como coisas secundárias...esse Escoteiro passa à categoria de «menino bonito».

Não discutamos o que está à vista: sem virtude cristã que engendra inteireza e consciência de si mesmo, sem espírito genuìnamente Escoteiro, não se fazem homens e mulheres—fabricam-se meninos bonitos e meninas bonitas.

Temos de nos convencer de que o mundo não é uma montra nem nós somos manequins.

P. Juan Francisco Hernández
VENEZUELA

De "El Scout Uruguaio"

RAPAZES

Pelo Major General D. C. SPRY

O General D. C. Spry, hoje Director da Repartição Internacional de Escotismo, é uma das figuras escoteiras de maior relevo mundial. Escoteiro desde a infância, ascendeu a todas as classes e cargos do Movimento, desempenhando com competência os mais altos postos no Escotismo Canadiano. No exército canadiano fez uma carreira brilhante ascendendo ainda jovem ao posto de Major General. A sua experiência profunda da vida e o conhecimento do Movimento Escoteiro, dão às suas palavras uma autoridade indiscutível. Ao transcrevermos o presente artigo, de grande interesse para o Escotismo Português, esperamos que ele possa servir de meditação a todos os dirigentes escoteiros.



A nós, que tivemos a temeridade de aceitar a responsabilidade de treinar rapazes de outras pessoas através do Escotismo, pede-se-nos muitas vezes que tomemos muitas decisões no cumprimento dos nossos deveres. Frequentemente estas decisões são tomadas em Conferências, Cursos de Adestramento e outras reuniões de adultos. É vital para o êxito do Escotismo que essas decisões sejam tomadas em cada caso com o mais completo e cuidadoso exame, pelo efeito que mais tarde as nossas decisões vão ter em milhares de rapazes que individualmente nos olham crendo na nossa direcção, guia, conselho, estímulo e, sobretudo, exemplo.

Com demasiada frequência somos tentados a que sentimentos pessoais, distinções de classe, prejuízos raciais, miras políticas e diferenças religiosas nublem a nossa visão real. É humano e normal para nós o ser afectado por esses pensamentos, porém, sempre devemos actuar e viver de acordo com a nossa Promessa e Lei Escoteira, e não sòmente aparentando-o. Os rapazes são os primeiros a notar tais subterfúgios.

Quando todas as normas e regulamentos, paradas, acampamentos, conferências e direcções, e as outras mil e uma actividades forem determinadas, devemos sempre recordar a nós mesmos que estamos neste grande Movimento ùnicamente com o propósito de ajudar os rapazes a atingir a classe de Homens que, como Baden-Powell dizia, «vivam de maneira sã num mundo *insensato*».

Permita-se-nos, então, em todas as ocasiões, submeter todas as nossas decisões a esta pergunta: «QUE É MELHOR PARA OS RAPAZES?». Nós, como dirigentes, Comissários, Instrutores e Chefes, não somos o importante, excepto no grau em que dermos ao Movimento direcção baseada no exemplo e decisões cimentadas em rectos e nobres princípios.

Do "Buletin Scout de las Americas".

Um problema antigo

No tempo do imperador Tibério foi proposto ao Senado romano o seguinte problema:

«Porque é que um balde cheio de água, e o mesmo balde, igualmente cheio, com um peixe a nadar, têm o mesmo peso?».

Discutiu-se muito e explicou-se o facto de cem maneiras diversas, todas satisfatórias, ou antes, conforme é costume, por tantas maneiras quantas as cabeças chamadas a discorrer, até o momento em que um dos senadores se lembrou de realizar a experiência, verificando que o balde com o peixe pesa mais do que o balde sem ele.

A moral desta anedota é que antes de empreender explicar um facto se deve estar bem certo da sua realidade.

Do "Notícias Miudinho"

O aniversário de Baden-Powell

foi comemorado pelo Grupo n.º 5 com uma sessão solene

O 97.º aniversário de Lorde Baden-Powell foi comemorado pelo Grupo n.º 5 dos Escoteiros de Portugal com uma sessão solene que se realizou no passado dia 21 de Março.

Os antigos dirigentes escotistas Srs. Drs. Augusto Curson, Tovar de Lemos, Fausto Salazar Leite, Senhora de Cortês Pinto em representação de seu Esposo, Tenente Diogo Afonso, secretário geral da A. E. P., assim como os adjuntos da chefia geral Srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva, João Mamede, do «Sempre Pronto»; escoteiros dos grupos 2, 7, 9, 53 e 94, estiveram presentes, e aguardaram a chegada do presidente da Direcção, o Sr. Com. Henrique Tenreiro, ao qual foi prestada guarda de honra pelos escoteiros deste grupo.

O Sr. Com. Tenreiro, ao chegar, cortou a fita que, simbòlicamente, vedava a entrada da sede, e procedeu, em primeiro lugar, à inauguração dalguns melhoramentos naquelas instalações e de uma galeria dos retratos dos presidentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, Srs. Drs. Sá Oliveira, Armindo Monteiro, Pedro Teotónio Pereira, Francisco Cortês Pinto, Tovar de Lemos, Francisco Reis Santos, Magalhães Domingues, Augusto Curson e Manuel Gomes dos Santos; Eng.º Jorge Pereira Jardim, Capitão Afonso dos Santos e Com. Henrique Tenreiro, e ainda o do Sr. Com. Álvaro de Melo Machado, decano dos Escoteiros de Portugal. Estes retratos foram executados pelo escoteiro do grupo n.º 5, Félix Bragança.

Após esta cerimónia, e com a presença dos Srs. presidentes da Junta de Freguesia de Santa Engrácia e do Grupo Desportivo dos Tabacos, o Sr. Com. Tenreiro deu início à sessão solene, tendo tomado a palavra, em primeiro lugar, o escoteiro-chefe do Grupo n.º 5, Sr. Mário Fernandes, que saudou todas as entidades presentes e evocou a figura do Fundador, dizendo que era com íntima satisfação que os escoteiros lhe rendiam homenagem, assim como todos aqueles que com o seu trabalho e inteligência têm contribuído para o desenvolvimento e prestígio do movimento escotista em Portugal. Agradeceu, ainda, aos Srs. Com. Tenreiro e Rocha Borges o que têm feito pelos grupos de escoteiros, convidando aquele senhor a depor um ramo de flores no busto de Baden-Powell.

O presidente do Grupo Desportivo dos Tabacos, Sr. Armando Cardoso, dirigiu a seguir, algumas palavras aos presentes, saudando os escoteiros portugueses e congratulando-se com a ideia da cerimónia.

Falou, em seguida, o Sr. Dr. Tovar de Lemos, que historiou a actividade escotista no nosso País e prestou homenagem àqueles que se têm sacrificado para manter acesa a chama escotista neste recanto da Europa. Fez ainda o elogio dos princípios morais que norteiam este movimento.

A encerrar a reunião, discursou o Sr. Com. Tenreiro, que exprimiu a sua satisfação por estar presente em tão significativa festa escotista, mercê da boa iniciativa do Grupo n.º 5, à qual teceu elogios. Fez votos para que o trabalho deste grupo possa servir de exemplo a todos os outros, para que se consiga um rápido renascimento do escotismo em Portugal e terminou, afirmando que continuará, como até aqui, a pugnar para que os objectivos do movimento se atinjam plenamente, em especial no que se refere ao revigoramento da gente nova.

E no meio de grande vibração escotista, foi encerrada a cerimónia.

Durante o dia, a sede foi visitada por muitos escoteiros e amigos do Escotismo.

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 4—Porto

Este grupo entrou em nova fase de actividades e instalou a sua sede nas proximidades de Paranhos. Em breve daremos notícias do desenvolvimento dos trabalhos desta unidade.

Grupo n.º 15—Porto

A sede deste grupo sofreu umas beneficiações que foram inauguradas na festa do 15.º aniversário, de que demos notícia no nosso último número.

Grupo n.º 44—Gaia

Sob a orientação do nosso prezado amigo Sr. António Pinto Moreira, escoteiro-chefe, este grupo está passando por uma fase de intenso trabalho, fazendo-se em breve a sua apresentação oficial.—C.

Grupo n.º 33 — Leiria

Aniversário de Baden-Powell—O aniversário natalício do Fundador, foi comemorado pelos escoteiros, com uma pequena festa íntima de confraternização.

Visitas—Por motivo da sua estadia nesta cidade, deu-nos o prazer da sua visita um escuta do grupo n.º 8 do Porto, do C. N. E., que deixou e levou as melhores impressões.

Acampamento miniatura—Sobre a mesa de trabalho deste grupo, foi construído um acampamento miniatura, que servirá para lições de teoria sobre a vida no campo. Este interessante trabalho, estará exposto todo o ano.—C.

O 2.º aniversário do Grupo n.º 10—Lisboa

Este grupo comemora o segundo aniversário da sua fundação com diversas solenidades e iniciativas que assinalam o espírito empreendedor dos seus dirigentes e a actividade constante do agrupamento.

No dia 23 do corrente, Dia do Escoteiro, e data do aniversário, promove na Igreja Presbiteriana, da Rua de S. Bento, 636, um serviço religioso de acção de graças, dirigido pelo Presidente do Grupo, Rev. Dr. M. Conceição Jr. Depois deste culto, os escoteiros reunir-se-ão numa festa íntima, durante a qual o caminheiro João de Sousa fará uma palestra dedicada aos seus camaradas.

No Domingo seguinte, às 16 horas, no mesmo local, uma sessão solene, durante a qual o Chefe Samuel Vieira entregará insignias e estrelas de serviço a diversos escoteiros e tomará o compromisso de honra a aspirantes. O nosso Redactor Principal, Sr. Joel Ribeiro, fará uma palestra alusiva ao dia de S. Jorge.

No dia 2 de Maio, o grupo promoverá uma Boa Acção e nos dias 8 e 9 seguintes um acampamento na Mata de S. Domingos de Benfica.

* ● *

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

LOBITOS

Três jogos para Lobitos

1) GELO

Este é um jogo que pode ser adicionado a qualquer outro jogo ou qualquer outra actividade na Alcateia. Visa o treino da obediência e da atenção. Convenciona-se no princípio da reunião que em qualquer momento e em qualquer actividade, quando Aquelá gritar:—GELO!—todos os lobinhos devem ficar gelados, isto é, imobilizarem-se na posição em que estiverem sem fazer mais nenhum movimento, nem com os olhos, e não dizer nem uma palavra ou rir. Teòricamente, se alguém estiver saltando, deverá ficar imobilizado no ar. Depois de uns 10 segundos da primeira ordem, Aquelá grita: — DEGELO! — e da mesma forma súbita todos continuam o que estavam fazendo quando ficaram gelados, isto é, o jogo, formatura, canto ou outra actividade que estava sendo realizada, valendo portanto a última ordem de Aquelá antes do gelo. Os lobitos são loucos por este jogo!

2) VENDO AS HORAS

Aquelá coloca 12 lobinhos em círculo na posição das horas nos mostradores dos relógios. Como nos relógios, cada lobito representa a hora da posição em que está e também o número de minutos que esta posição representa para o ponteiro grande. Assim, a uma hora será também 5 minutos, as duas horas, 10 minutos, e assim sucessivamente, sendo que as 12 horas corresponde às palavras — Em ponto! Ao iniciar o jogo, Aquelá fica no centro do círculo com duas bolas de ténis nas mãos, e convenciona que a primeira bola atirada será o ponteiro pequeno, que indica as horas, e a 2.ª bola atirada será o ponteiro grande que indica os minutos. Aquelá, então, atira a 1.ª bola para um dos lobitos que a deve pegar sem deixar cair no chão e dizer as horas que representa. Logo a seguir, Aquelá atira a 2.ª bola para outro ou para o mesmo lobito que deve declarar os minutos que representa. EXEMPLO: Aquelá atira a 1.ª bola para um lobito e ele diz as horas: 3 horas! — se ele atirar a 2.ª bola para o mesmo, ele apanhará e dirá — e 15 minutos! — mas se a bola for atirada para o que está nas 12 horas caberá a este declarar — Em ponto! — Se tiverem sobrado lobitos, pode ser convencionado que quem errar no enunciado ou no apanhar da bola será substituído por algum que sobrou. Aquelá, depois do jogo ter sido aprendido, poderá deixar um dos guias na posição do centro do relógio atirando as bolas.

3) HISTÓRIA VIVA

Aquelá conta uma história simples, frase por frase, e os lobitos designados representam por mímica o que foi contado na frase. EXEMPLO: Aquelá começa: *Um lobito chamado Pedro estava passeando.* (O lobito Pedro levanta-se e faz a mímica de passear). *Quando encontrou um cachorro chamado Vítor* (O lobinho Vítor imita um cachorro e vai até perto de Pedro). *Pedro fez o cachorro sentar-se e deu-lhe um pedaço da sua merenda.* (Os dois representam a cena). *O cachorro foi se embora e Pedro continuou o seu passeio.* (Os dois representem a cena). *Mais adiante Pedro encontrou uma onça chamada Júlio que avançou sobre ele.* (Júlio faz a cena). *Pedro subiu a uma árvore* (Pedro faz a cena). *A onça já estava quase a alcançá-lo quando chegou o cachorro Vítor e atacou a onça.* (Os três fazem a mímica)... e assim sucessivamente, podendo entrar outros personagens até um final lógico. Qualquer história, inclusive as de Mowgli, serve para essa dramatização mímica.

De «O UIVO»

Do Comissariado Geral dos Lobitos da U. E. do Brasil

Cantinho dos mais novos

O meu primeiro acampamento

O meu primeiro acampamento! Lembro-me ainda que, na véspera do grande dia, andei como que alvoroçado, aprontando tudo, não esquecendo um único pormenor... Minha mãe veio até à curva do caminho, admirada de eu poder com o peso de uma mochila tão grande. Cabelos ao vento, mangas arregaçadas, peito firme, sentia-me um herói de lenda, um explorador polar protagonista de aventuras terríveis.

Todos os meus vizinhos me vieram ver à janela... O tio André Sapateiro, que estava sempre pronto a reparar as solas esburacadas dos meus sapatos, chamou os dois filhos, rapazes muito traquinas, para o pé da janela, e apontou-lhes como exemplo a minha figura de escoteiro. Sentindo-me alvo do interesse geral, apressei o passo e enchi o peito de ar. Seria pecado um «patatenra» sentir-se vaidoso?

Após algum tempo de marcha, consegui encontrar os outros companheiros do meu Grupo, eles tinham já erguido as tendas e eu não pude disfarçar um gesto de desconfiança vendo o vento levantar-se.

Depois de algumas brincadeiras, jantámos. Quando a noite veio, vaporosa e calma, compreendi quanto era bom ser-se puro e simples, quanto era bom sentirmo-nos entre as árvores amigas, quanto bonito era ouvir um rouxinol a despedir-se do sol... As sombras vinham devagarinho, roçando pelas coisas, colando-se à floresta. Tudo tomava uma silhueta diferente, tudo nos fazia lembrar a nossa casa, a doce mãezinha preparando os cobertores, o gato dormindo no corredor.

O acampamento povoou-se de ruídos surdos e misteriosos.

Ainda hoje pergunto a mim próprio como é que aquilo aconteceu: De madrugada, acordei, sobressaltado, com uma desagradável sensação de frio nos pés. Todo o resto do corpo estava quente, só estes estavam gelados, terrìvelmente gelados. Em vão procurei aquecê-los, esfregá-los... Ao longe, ouviam-se os lamentos de um burro e uma música esquisita e estranha, tão esquisita e tão estranha como esquisitos e estranhos estavam os meus pés assim frios. O tecto da tenda era como que um martelo implacável que fosse desabar sobre mim. Lá fora, o vento gemia, o burro chorava, tocava-se música ao longe, os passarinhos começavam a acordar. Que teria eu nos pés? Pensei coisas tremendas que me assaltaram o cérebro, histórias de grandes exploradores do Polo Norte encontrados com os membros inferiores gelados.

Já manhã cedo, o Chefe entreabriu a tenda e exclamou todo satisfeito, o maroto: — «Não sabia que costumavas dormir com os pés de fora»! — Durante o sono, algo havia acontecido. Ainda hoje não sei se teriam crescido os meus pés, se a tenda teria encolhido durante a noite!

Como não ter saudades de tantas aventuras? Quando nesse dia cheguei a casa, admirado por a mochila vir mais pesada, descobri dentro desta uma enorme pedra, que muito fez rir minha mãe...

O meu primeiro acampamento!

JORGE ADOLFO CIERCO
Escoteiro do Grupo N.º 13

Se calhar não sabe que...

Uma das efemérides publicadas no último número contém um erro que queremos corrigir:

Jorge Villiers, 1.º Duque de Buckinghan, nasceu em 1572 (*e não em 1872 como publicámos*) e era o favorito dos reis Jaime I e Carlos I, de Inglaterra.

Pedimos desculpa do engano.

LIVROS ESCOTISTAS

Edições brasileiras

Acabam de chegar:

O que é o Escotismo, 2.ª edição..	4$00
Para ser Escoteiro, pelo Dr. Froliano de Melo, manual escotista muito ilustrado, com as provas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes.....	15$00
Curso de Monitores (Guias de Patrulha).....	12$00
Guia do Escoteiro Chefe, de B.-P.	10$00

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 3

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

Por fim, Tomás Oliver resolveu dar um passo audacioso, e ir ao encontro da tal greve que se projectava. Ordenou aos operários que se reunissem num certo ponto do edifício, e, depois de reunidos, apresentou-se-lhes.

Não tinha, porém, ideia alguma de que Alfredo e Eduardo, que eram como que as sombras do pai, o tinham seguido e se encontravam por detrás dele, numa espécie de plataforma que se havia construído com umas pranchas e umas barricas.

«Meus amigos — começou Oliver, com voz clara e altissonante, — fàcilmente se vê que andais descontentes. Não trabalhais como de costume, e a continuar assim caminhamos para a ruína. Que motivos tendes, pois, para tal procedimento? Sentis-vos, talvez fatigados, e nesse caso vou conceder-vos a todos uma temporada de descanso. Amanhã fechar-se-á a fábrica, e cada qual, depois de recebida a féria, pode ir para onde quiser.

«Aqueles que quiserem voltar ao trabalho, e se apresentarem de uma forma conveniente, podem fazê-lo de aqui a oito dias, em que a fábrica começará de novo a funcionar. Todo aquele, porém, que vier depois desse prazo achará o seu lugar ocupado por outro.

«Os encarregados das diferentes secções ficam responsáveis pela execução das minhas ordens. Devem mandar apagar os fornos, arrumar convenientemente as barricas vazias, guardar as ferramentas e entregar-me depois as chaves. E, pela minha parte, nada mais tenho a dizer; o resto é convosco. Desejo-vos, meus amigos, uma noite feliz».

Estas últimas palavras foram apenas correspondidas por dois ou três dos homens; o resto guardou silêncio. Foram passando a dois e dois pela frente do director, mostrando-se alguns deles nervosos e atemorizados, ao passo que outros apresentavam uns ares taciturnos e mesmo ameaçadores.

Alfredo puxou pela manga do casaco de Eduardo.

— Olha para aquela cara de pudim do Antão — disse ele. — Não se está mesmo a ver que intenta coisa má?

— Que pode ele fazer? — replicou Eduardo. — Os trabalhos vão ficar parados durante uma semana, e é provável que ele seja um dos que não voltem.

— Não sei; tenho-o na conta do pior deles todos, e, agora que o papá cortou o mal pela raiz, é capaz de se pôr a matutar noutro qualquer plano.

— Pois bem vamos constituir-nos em polícia secreta do papá e conservar-nos sempre alerta, Alfredo — exclamou o pequeno Eduardo com orgulho, e a sua proposta foi entusiàsticamente aceite pelo irmão.

Os dois dias seguintes passaram-se em tranquilidade, mas na noite do terceiro dia deu-se um acontecimento notável.

Os dois rapazes foram acordados cerca das onze horas por umas vozes que pareciam de homens muito exaltados. O quarto da cama deles ficava por cima do escritório, e era de lá que partiam essas vozes.

Sempre vigilantes, como então estavam, à cata do menor indício de novidade, Alfredo e Eduardo vestiram-se à pressa, calçaram umas chinelas, e desceram os dois lances da larga escada. O escritório, cuja porta estava aberta, achava-se iluminado, e os rapazes, que no corredor, onde não havia luz, tudo podiam observar sem que a sua presença se tornasse notada, viram Antão Griboff, o seu amigalhaço Estêvão, encarregado dos acondicionamentos, e um outro, um homem de aspecto desagradável, com uma fractura no nariz e uma cicatriz vermelha que lhe atravessava ambas as faces à altura da boca, o que lhe dava a aparência de ter posto sobre o rosto uma máscara hedionda.

Os três patifes estavam de pé em frente do director, e os rapazes ouviram Antão dizer: — Viemos aqui para que nos entregue a chave daquele cofre, e estamos resolvidos a não nos irmos embora sem ela. Vá, passe-nos a chave para a mão.

— O dinheiro que está no cofre não é meu, e tenho de dar contas dele — exclamou Oliver com firmeza. — É-me impossível entregar-vos a chave.

Antão fez um gesto e os outros saltaram de súbito sobre Tomás e seguraram-no, enquanto Griboff lhe procurava a chave nas algibeiras. Daí a momentos tinha-a na mão, e soltava um grito de triunfo.

(Continua)

SÊ HOMEM

Não se precisa de grande esforço para aproximar de nós as pessoas ou nos aproximarmos delas.

Basta conduzir, através de ruidosa rua, trôpega velhinha; dar ao sequioso um copo de água; ajudar o marçano ou o moço, aliviando-o por momentos de pesados carregos; dizer cinco ou seis palavras afáveis ao operário que, só, num sufocante dia de Julho, parte pedra na estrada; conversar alguns minutos com a criança que desprezada encontra no seu caminho; emprestar um livro útil ou escrever uma carta a quem não o saiba fazer, tudo isto é tão simples, tão fácil!

Tudo isto quase nada vale, pequenos serviços, verdadeiras insignificâncias.

Mas, não é a importância destes serviços ou a sua grandeza, mais importante é o amor, o carinho com que as prestas. Experimenta e à primeira vez admirar-te-ás. Que mudança causaria em ti essa partícula de amor, de carinho e aprenderás Homens nos homens. Até agora nunca as viste mas eis que quase de súbito se depara a teus olhos o grande e glorioso conhecimento.

(Traduzido do livro esperantista «Legu haj parolu»).

Eng.º José Maria Nobre Santos

Em meados de Março passado, partiu para Haia, Holanda, o nosso estimado amigo e dirigente escoteiro Sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, aonde foi tomar parte numa conferência internacional de engenheiros. Daquela cidade, o Sr. Eng.º Nobre Santos teve a amabilidade de endereçar um abraço de saudações para todos os colaboradores do «Sempre Pronto», informando-nos que tendo visitado os Escoteiros Holandeses estes, «dentro da grande amizade escoteira mundial», pediram-lhe para ser intérprete das suas saudações para todos os Escoteiros Portugueses, o que ele vem fazer através do nosso jornal.

Agradecendo, retribuímos as saudações e fazemos os melhores votos de uma excelente viagem de regresso.

Comemorações do 9 de Abril

Como nos anos anteriores, efectuaram-se neste dia as comemorações da Batalhas de La Lys. A Liga dos Combatentes da Grande Guerra convidou, como de costume, um escoteiro para acompanhar a sua representação às cerimónias que se efectuaram na Batalha.

O Grupo n.º 93, de Sintra, mais uma vez organizou a patrulha ciclista que levou à Batalha uma bilha artística com azeite oferecido pelo comércio local para a «Chama da Pátria» na Batalha. Esta iniciativa tem o patrocínio da Câmara Municipal de Sintra.

«SEMPRE PRONTO»

Por lapso, na notícia publicada no último número acerca da reunião dos membros do nosso jornal realizada em 25 de Fevereiro p. p., foi omitido o nome do nosso colaborador sr. Manuel Tacão Monteiro. Queremos fazer esta rectificação porque este nosso camarada esteve presente e é um colaborador artístico dedicado.

Vida na Natureza

O «Sempre Pronto» iniciará no próximo número a publicação de uma série de trabalhos da ilustre bióloga Dr.ª D. Lídia de Medeiros. Os primeiros artigos ocupar-se-ão de «Cadeias Alimentares», assunto que vai despertar muito interesse entre os escoteiros.

Se podeis despertar o interesse do público—coisa que não é muito difícil de fazer—vereis que qualquer vos pode prestar ajuda verdadeira para conservar o Escotismo em marcha, porém sede particularmente cuidadosos de que o Escotismo do vosso Grupo seja de tal natureza que não defraude o interesse daqueles que vos ajudam.

GILCRAFT

GRUPO N.º 1

Integrada no programa das comemorações do 42.º aniversário deste Grupo, realizou-se em 11 do corrente, no Ginásio da A. C. M., uma sessão solene.

Presidiu o Escoteiro Chefe-Geral Adjunto, sr. Luís Grau Tovar de Lemos, e ladeavam-no os srs. Albano da Silva, também Adjunto do E. C. G., Eduardo Ribeiro, director do "Sempre Pronto", sr.ª D. Júlia Ribeiro, chefe do grupo de Guias «Rainha D. Leonor», Mário Fernandes, Fernando de Carvalho e Ferreira da Silva, respectivamente chefes dos grupos n.º 5, 79 e 1, e um representante do grupo n.º 7.

Após breves palavras do chefe Ferreira da Silva, procedeu-se à entrega de estrelas de antiguidade, medalhas de assiduidade e da taça à equipa do grupo 1 vencedora do torneio de Voleibol, bem assim galhardetes às equipas dos grupos 53, 85 e 10. Foi lida a ordem de serviço, e prestaram Compromisso de Honra novos escoteiros.

Escoteiros do «1» transmitiram em homógrafo uma mensagem de saudação ao C. G. A.

Encerrou a sessão o sr. Tovar de Lemos que, embora lamentando não ter sido concedida nenhuma especialidade nem nenhuma 2.ª ou 1.ª classes, incitava os escoteiros do 1.º grupo a seguirem o exemplo dos pioneiros do escotismo em Portugal, que foram os primeiros escoteiros do «1», e que, como ele, vissem neles um verdadeiro exemplo para o engrandecimento do Escotismo Nacional. Lembrou ainda que em Dezembro seria bom poder apresentar-se em vez de 140 ou 150 uns 500 escoteiros, escoteiros não só de uniforme, mas de coração.

Estiveram presentes o Grupo de Guias «Rainha D. Leonor», e componentes dos grupos n.º 5, 10, 53, 79, 94 e 99.

A classificação obtida pelas equipas dos grupos que disputaram o torneio organizado pelo grupo 1, foi a seguinte: 1.º 1-A; 2.º 1-B; 3.º 53; 4.º 85; 5.º 10-A; 5.º 10-B.

No dia 10 realizou-se um chá de confraternização, entre escoteiros, antigos escoteiros, suas famílias e sócios auxiliares do grupo, que reuniu elevado número de pessoas, foi confeccionado e servido gentilmente pelas Guias do grupo «Rainha D. Leonor».

A nossa campanha de assinaturas não terminou ainda. O nosso desejo de mais assinantes não foi ainda totalmente conseguido. Não desanimamos porque temos fé de atingi-lo, com a boa vontade de todos os leitores.

Além das aplicações do lenço de escoteiro que se vêem nas gravuras da página 56, com duas réguas de madeira, papelão, arbustos, paus de bandeirola, servindo de talas improvisadas, e dois ou mais lenços de escoteiro, se pode imobilizar um braço ou uma perna em caso de fractura ou de suspeita de fractura e assim conduzir o sinistrado ao posto de socorros.

•

17) Efectuar um trabalho manual à escolha do candidato.

Não há maior prazer do que aquele que sentimos quando conseguimos construir alguma coisa. Procura efectuar um trabalho manual que seja o produto da tua imaginação aliado à tua vontade e sentir-te-ás satisfeito.

Uma norma, porém: *sê perfeito em tudo o que fizeres.* É preferível realizar um trabalho modesto, mas perfeito, do que outro mais importante, mas mal acabado. Esmera-te em toda a obra que saia das tuas mãos e serás digno do nome de Escoteiro.

•

18) Engraxar calçado, lavar roupa, pregar botões, passajar, dobrar roupa, escovar o fato, fazer a cama.

O homem *sempre pronto* está habilitado a fazer todos os serviços sem depender de ninguém. Pequenas aptidões em certos momentos da vida são da maior valia. Procura estar pronto para em todas as ocasiões te safares de todas as dificuldades e terás o êxito sempre à vista.

FIM

Noticiário do "60"

Em 4 de Abril, o Grupo n.º 60 comemorou o 28.º aniversário da sua fundação com um programa resumido, é certo, mas suficiente para assinalar a data, tornando o seu significado mais presente a todo o actual efectivo, lembrando à população de Vila Real de Santo António que continua contando com um Grupo de Escoteiros «vivo» e «sempre pronto».

Não, foi esta aliás, a primeira actividade exterior do Grupo no corrente ano. Já 15 dias antes as três patrulhas haviam feito um bivaque treino próximo à mata local, aproveitando uma nesga de sol que parecia querer desmentir os maus atributos que qualificam Março relativamente a bom tempo, mas que mais os confirmou com o rápido desaparecimento e substituição por chuva miúda.

A manhã do dia do aniversário apresentou-se bonita, como correspondia ao primeiro domingo de Abril, e os rapazes deixaram a Sede pelas 8 horas, acampando junto ao farol semafórico Pouco depois e acompanhado de dois escoteiros, chegava o Chefe do Grupo n.º 6, de Olhão, Sr. Francisco Pina, incansável em tudo quanto se relaciona com o progresso do Escotismo no Algarve. Teve então lugar o anunciado concurso relâmpago interpatrulhas, que constou de evoluções, transmissões, nós, macas, armar e desarmar tendas, etc. e em que venceu a Patrulha «Lobo», seguida de perto pela «Popa» e pela «Águia». Diversos e interessantes jogos animaram ainda os presentes.

Pelas 15 horas, já na Sede, realizou-se uma sessão, a que presidiu o antigo escoteiro Sr. Fernando Ramos e Chefes do 6 e do 60, todos manifestando o seu regozijo pela passagem, em franca actividade, de mais um aniversário do Grupo e encarecendo aos rapazes a útil finalidade do Escotismo e o que deles se pretendia.

Procedeu-se depois à entrega de estrelas correspondentes a anos de serviço, de vários distintivos de «segunda classe» e à leitura da classificação no concurso trimestral para disputa da «Taça A. E. P.», ganho merecidamente pela Patrulha «Lobo», seguida da «Popa» e da «Águia». O guia da patrulha melhor classificada recebeu o prémio, que constou da taça e de fitas alegóricas, tendo sido, e os seus escoteiros, saudados com os BRAVOS da praxe. Ao guia da «Popa» foram entregues também as fitas que à sua patrulha correspondiam como segunda na classificação, após o que se entrou na parte mais solene do programa, o Compromisso de Honra de um aspirante. Dirigiu a cerimónia o Chefe Sr. Pina e o Chefe do 60 recebeu o Compromisso.

Com chá, doces, muita alegria e boa camaradagem, terminou, tarde adiante, a pequena festa do Grupo n.º 60, pequena pelo pouco que no momento se conseguiu fazer, mas grande, para nós pela sua finalidade e pelos mais amplos horizontes que à vida do Grupo deixou antever. — C.

Grupo de Guias "Rainha D. Leonor,,

Este grupo comemora no dia 3 de Maio o seu primeiro aniversário, realizando na sua sede uma sessão dedicada às famílias das guias e aos seus padrinhos, durante a qual haverá canções, recitativos e outras distracções. A festa terminará com um chá.

Assinar o «Sempre Pronto» é valorizar o movimento escotista.

Os Escoteiros de Lisboa visitaram a Escola Naval

No dia 27 de Março findo, os Escoteiros de Lisboa visitaram a Escola Naval no Alfeite, embarcando na Doca da Marinha numa vedeta da Armada, na companhia dos adjuntos da Chefia Geral Srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva.

Os escoteiros, em número de 170, entraram em formatura no edifício da Escola Naval onde foram recebidos pelo 1.º Comandante Sr. Comodoro Duarte Silva, que recebeu a saudação dos escoteiros, seguindo-se imediatamente a visita. Para um melhor aproveitamento, o contingente foi dividido em vários grupos que, na companhia de um cadete, percorreram as diversas instalações, sendo devidamente esclarecidos sobre o funcionamento da Escola.

Os dirigentes foram recebidos pelo Sr. Comodoro Duarte Silva no seu gabinete, onde lhes apresentou as boas vindas, tendo oferecido para a Biblioteca da A. E. P. o livro «Os primeiros 100 anos da Escola Naval», com expressiva dedicatória recordando a visita dos Escoteiros de Portugal.

Aos escoteiros foi oferecida uma merenda, tendo passado a tarde na mata, onde o chefe Tovar de Lemos lhes dirigiu algumas palavras.

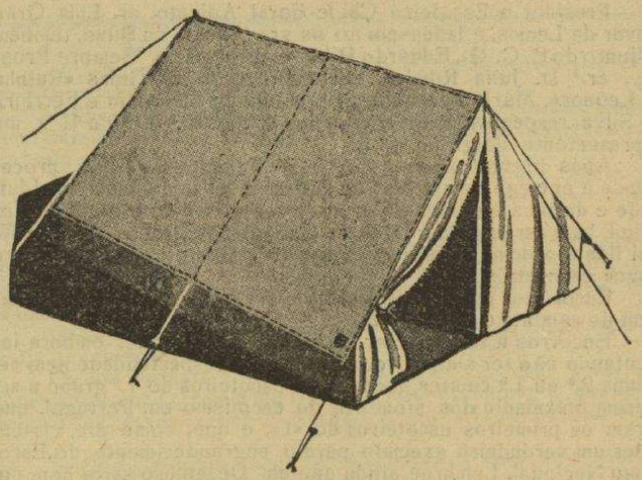
João Chaubert Alves

Tivemos o prazer de abraçar em Lisboa este nosso estimado amigo, antigo chefe do grupo n.º 9, que há 4 anos se encontrava em serviço no Aeroporto de St.ª Maria, regressando recentemente ao Continente.

ÍNDICE

	Pág.
Percorrer, em passo de escoteiro, 2 Km. em 15 minutos.	5
Regras elementares de higiene	7
Organização geral da Associação	10
O Escotismo em Portugal.	11
Conhecimentos sumários da história do Escotismo em Portugal e no Mundo	13
Narrar por escrito um ou mais casos, de preferência reais, em que intervenha um Escoteiro pondo em prática a Lei	16
Deveres para com Deus, a Pátria, o semelhante e para consigo próprio	19
Acampamentos	23
Transmitir e receber por homógrafo à razão de, pelo menos, 20 sinais por minuto	27
Seguir uma pista através do campo empregando os sinais aprendidos na 3.ª classe	31
Aplicar os nós: salvação, pedreiro, âncora e tecelão	35
Cuidados a ter com os artigos do uniforme e do equipamento individual e colectivo	40
Orientação pela bússola e pelo relógio	43
Acender uma fogueira com o máximo de 2 fósforos e cozinhar	46
Primeiros socorros em acidentes ligeiros	49
Efectuar um trabalho manual à escolha do candidato	57
Engraxar calçado, lavar roupa, pregar botões, passajar, dobrar roupa, escovar o fato, fazer a cama	57

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em:

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de Mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

Antes de adquirir material consulte sempre a

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13 - 1.º—Telef. 21917—LISBOA

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)